



meiro-ministro, que se prepara para apresentar um pacote anti-corrupção, se esse pacote será aplicável na Madeira.

Estando excluída a viabilização de um executivo socialista, a IL será oposição na Madeira.

E seremos com determinação, defendendo as nossas ideias. É algo a que estamos habituados, que fazemos também na Madeira com intensidade e propostas constantes. Somos sempre parte das soluções, mas daquelas em que acreditamos, e não de soluções em que não acreditamos.

Se for reeleito, qual será o grau de autonomia dos núcleos territoriais na negociação de coligações autárquicas?

Estamos em condições de ir sozinhos onde quer que estejamos e os núcleos estão à vontade para tomar a decisão que entenderem, com o conhecimento que têm do terreno. Garanto que, se o resultado eleitoral for um pouco menos veemente do que poderia ser se entrássemos em coligações, estou disponível para aceitar o custo. O trabalho de autonomia política, financeira e estratégica neste mandato põe-nos nessas condições. Não dependemos de ninguém, não temos de ir com ninguém, não há nenhu-

ma questão que limite a liberdade de a IL tomar as suas decisões.

Além das políticas liberais que teriam que ser implementadas, é ou não verdade que o peso relativo da IL em relação ao CDS, parceiro tradicional do PSD, pode ser entrave a coligações?

Na situação excecional de fazermos algum entendimento, será sempre por ideias e propostas. Para fazer igual, não estamos lá a fazer nada. E, obviamente, o peso eleitoral da IL tem de ser respeitado, mas esse é um problema do PSD, e não meu. Estou perfeitamente confortável em apresentar as dezenas ou a centena de candidaturas autárquicas que vamos apresentar e irmos sozinhos em todos os concelhos. Os entendimentos entre o PSD e o CDS dizem respeito a esses partidos. Quero que haja liberdade de decisão. Mais importante do que chegar a um determinado resultado é a afirmação das ideias liberais no terreno, o que pode ser muito útil em futuras autárquicas, e também nos combates eleitorais a outro nível que o partido poderá ter. Não me interessa tanto essa matemática de dizer que o objetivo é X ou Y.

Se Carlos Moedas mantiver o número de vereadores centris-

“Se fazermos algum entendimento [nas autárquicas], será sempre por ideias e propostas. Para fazer igual, não estamos lá a fazer nada. E o peso eleitoral da IL tem de ser respeitado.”

tas, não deve contar com a IL, mesmo que haja uma frente de esquerda?

Será, nesse caso, um problema de Carlos Moedas.

E vê vantagens de Lisboa continuar a ser governada à direita?

Há pouco, quando fazia o balanço da governação da AD, entendendo que está muito aquém do que foi prometido, e até do que o país precisa, há visões que são diferentes. A proposta de habitação de António Costa tinha quase coerção sobre a propriedade privada. A AD propôs uma visão completamente diferente, que respeita a propriedade privada. Se me pergunta se há diferenças

entre uma governação e outra, claro que sim. Se me pergunta se a governação de Carlos Moedas, a nível municipal, e a governação da AD, a nível nacional, estão aquém do que uma e outra realidade precisavam, digo também, obviamente, que sim. Mas não é a IL que tem de ser responsabilizada por essa avaliação. Moedas, se for candidato, o que não foi clarificado pelo próprio, tem de perceber o que quer fazer e o caminho que deseja. A IL não pode ser responsabilizada se vier a ganhar uma coligação de esquerda. No limite, se Carlos Moedas está a governar bem a cidade, então deve apresentar-se sozinho. E, se está a fazer bem, deveria ganhar.

O que aconteceu a Tiago Mayan Gonçalves, que era o autarca liberal mais mediático, como presidente da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, constituirá uma mancha para o partido?

Não nego a gravidade do comportamento em causa [falsificação de assinaturas em documentos], assumido pelo próprio. Mas estou convencido que não, porque o partido teve uma reação de condenação. Aquilo que define a matriz da IL é não haver contemplicações. Eu próprio, enquanto

“A IL não pode ser responsabilizada se vier a ganhar uma coligação de esquerda. No limite, se Carlos Moedas está a governar bem Lisboa, deve apresentar-se sozinho. Se está a fazer bem, deve ganhar.”

presidente, tive a obrigação de manifestar, respeitando as competências do Conselho de Jurisdição, a minha repulsa.

Se for reeleito, anunciará no domingo o nome do candidato que a IL apoiará nas próximas eleições presidenciais. É uma escolha prioritária neste momento?

Parece-me evidente que sim. Qual é a discussão que temos desde novembro? É sobre candidatos presidenciais. A IL tem de estar nesta discussão, apoiando um candidato que traga não só visão liberal, mas também algo que me parece muito necessário neste momento: capacidade de acreditar. Há uma degradação das instituições, tivemos tempos difíceis e creio que será muito importante que o país tenha um candidato que traga frescura, alegria, confiança, e que nos faça acreditar em Portugal. Penso ser minha responsabilidade apresentar-me aos membros da IL como uma equipa que assegura a gestão executiva do partido, com uma visão que consta da moção de estratégia global, com um candidato a primeiro-ministro, que sou eu próprio, e com um perfil que possa representar a IL nas eleições presidenciais, mas que possa, ainda mais, representar essa visão de esperança, de confiança e de alegria, que nos tem faltado tanto.



Veja os vídeos em www.dn.pt